

## OS OLHOS NOS SONETOS DE CAMÕES

Maurília Galati Gottlob

### *Introdução*

O fenômeno da comunicação conserva entre os humanos a sua grande importância, devido ao seu poder de aproximar as pessoas.

A palavra, o diálogo, é o meio de que comumente se faz uso para a transmissão de idéias e a expressão de sentimentos. Uma vez estabelecido o diálogo, solucionam-se ou criam-se conflitos.

No processo amoroso, em que a comunicação assume, como se pode compreender, um valor muito especial, acrescenta-se de maneira bastante específica ao recurso aproximativo da palavra, o do olhar, visto que aqui êle não só favorece a comunicação de pensamentos e emoções, como também motiva prazer, ou até mesmo tormento e angústia. Como recurso de comunicação, a “linguagem do olhar” muitas vêzes adquire a capacidade de substituir as palavras, ou, por vêzes, até mesmo a de superá-las, ao expressar o que é indizível, mas, por meio dos olhos, perfeitamente comunicável.

Devido a sua extraordinária expressividade, o olhar adquire, em determinadas situações, um papel de destaque. Cremos que bem cabe aqui o caso de Camões, amante frustrado, e de sua Amada inacessível, considerando-se os condicionamentos a que estavam submetidos no círculo fechado de uma côrte real. Ali, a obediência às convenções era uma norma à qual não se podia fugir e, como consequência, a diferença de condição entre o Poeta e a Dama tornava o amor, por princípio, irrealizável. Julgamos como muito provável que seja essa a explicação da origem da tônica dos olhos, e do ver, do olhar, do contemplar na poesia lírica de Camões. E ela é perfeitamente

entendível, se considerarmos a posição do “Amador”, que está ciente da impossibilidade de aspirar no amor a mais do que o olhar e sua linguagem permitem.

Neste estudo que ora iniciamos, propomo-nos à análise do papel, do sentido do elemento *olhos* nos *Sonetos* de Camões.

É uma nota constante e evidente, nessa parte da lírica camonianiana, que o desencadeamento do amor, sua continuidade, os conflitos dêle resultantes, ou o fenecimento daquele mesmo sentimento são decorrências de processos relacionados em grande parte com o fenômeno da visão. A análise dêste assume, pois, importância relevante, quer para se caracterizar o processo amoroso em si, quer para se desvendar o estado de espírito e os sentimentos, ora do amante diante de sua amada, ora desta diante dêle.

#### I — *Os olhos como elemento ornamental da beleza da Mulher Amada*

Notamos, de início, que o Poeta se refere aos olhos da Amada com insistência, falando de sua beleza. Distinguem-se, primeiramente, nessa poesia, como elemento ornamental da beleza da Mulher Amada, os olhos da Dama, aos quais o Poeta faz um panegírico e nos quais se inspira. Assumem, portanto, valor estético.<sup>1</sup>

Pudemos observar também que o Poeta se refere com uma certa freqüência a “claros olhos” (Son. 31, v. 14; Son. 109, v. 1; Son. 135, v. 1; Son. 169, v. 4). E já se comentou que os olhos verdes, segundo os cânones tradicionais, eram os mais belos.<sup>2</sup> A designação “claros olhos” não deve, portanto, supor também a beleza dos olhos? Se assim fôr, a referência aos olhos da Amada como tais resulta também num elogio. No entanto, faz-se notar nos Sonetos uma exceção a essa norma, que consiste no elogio dos olhos negros, com prejuízo dos verdes, pois, segundo o Poeta, êstes até mesmo se deixam turvar por inveja da beleza superior daqueles:

---

(1) Luiz de Camões, *Obra completa*. Rio de Janeiro, Companhia Aguillar Editôra, 1963. p. 280: “Fermosos olhos, (...)” Son. 35, v. 1, p. 295: “O lindo ser dos vossos olhos belos” Son. 80, v. 2, p. 530: “Los ojos, esmeraldo (...)” Son. 123, v. 5.

(2) Ver Henri Meier, *Ensaio de Filologia Românica*. Lisboa, Tipografia da Editorial, 1948. p. 197.

“Olhos onde tem feito tal mistura  
Em cristal branco o prêto marchetado  
Que vemos já no verde delicado  
Não esperança, mas inveja escura.”  
Son. 172, vv. 5, 6, 7 e 8

A justificativa para essa valorização dos olhos negros em detrimento dos verdes reside, certamente, no fato de que a Musa Inspiradora do Soneto parece ter sido uma escrava de olhos escuros (Bárbara). Portanto, a variação acidental do conceito de beleza (olhos verdes para olhos negros) ocorreu aqui em consequência de ser essa uma característica própria da Dama, que foi ocasionalmente objeto dos amôres do Poeta. Parece também que poderia ser válida aqui a influência de Petrarca, que no seu Soneto X canta os olhos negros de Laura, falando dos poderes dos mesmos sobre si.

Em se tratando do valor estético dos olhos, é necessário acrescentar que na Renascença era comum associar-se o valor dos olhos ao seu brilho. Lembremo-nos, por exemplo, de Petrarca e sua referência aos “begli occhi lucenti” de sua Musa Inspiradora.

Camões não fugiu à regra, empregando, nesse sentido, figuras de estilo de muita força expressiva para pôr em evidência o valor estético dos olhos da Mulher Amada, através de seu brilho.

Nos seus sonetos, aparecem com relativa frequência metáforas, imagens e comparações que o comprovam.<sup>3</sup>

---

(3) *Op. cit.* Citemos entre as metáforas: p. 295: “Quem pode livre ser, gentil Senhora, / Se por entre esta luz a vista passa, / Raios de ouro verá (...)” Son. 78, vv. 1, 11, 12.

p. 541: “Que, pois o claro lume, o belo rosto / Aquele monstro tão disforme deste,” Son. 157, vv. 12 e 13.

p. 295: “Que o vivo lume e o rosto delicado / Imagens são nas quais o Amor se adora.” Son. 78, vv. 7 e 8.

Exemplos de imagens temos em: p. 547: “(...) o vivo lume /

p. 533: “Dos vossos olhos essa luz febéia.” Son. 131, v. 5.

p. 558: “Tornai ao Sol as chamas luminosas / Dessa vista (...)” Son. 206, vv. 3 e 4.

p. 540: “Movei dos lindos rostos a luz pura / De vossos olhos belos (...)” Son 152, vv. 9 e 10.

p. 288: “Olhos (...) / Em mil divinos raios incendidos”. Son. 59, vv. 5 e 6.

Estabelecem-se comparações nas seguintes passagens: p. 295: “Quem pode livre ser, gentil Senhora, / Se por entre esta luz a vista passa, / Raios de ouro verá, que as duvidosas / Almas estão no peito transpassado, / Assi(m) como um cristal o Sol traspassa.” Son. 78, vv. 1, 11-14.

Pelos exemplos, vemos que o brilho dos olhos da Amada assume proporções especiais comparado ao do sol, equivalendo-lhe ou superando-o. Há até mesmo uma passagem<sup>4</sup>, influenciada acentuadamente por Garcilaso, em que essa propriedade dos olhos — seu luzir — parece encerrar também não apenas uma qualidade estética (luz clara, brilhante), mas também uma qualidade moral, um indício de inocência e candura na figura da Amada.

De qualquer forma, tôdas essas figuras têm marcadamente a característica de hipérbole, por enfatizarem o brilho dos olhos, relacionando-os com brilhos mais intensos e, portanto, empregadas com função valorativa.

## II — *Os olhos e sua função de revelar características da Dama*

Mas êle não se refere apenas ao valor estético dos olhos, visto que êles ainda mais o impressionam por deixarem transparecer características espirituais da sua dona ou donas, considerando-se que foram muitas as musas inspiradoras de Camões. Assim, pela forma por que nos são apresentados, os olhos das amadas revelam-nos vários aspectos de suas maneiras de ser.

A Dama afigura-se-nos uma criatura meiga, afável<sup>5</sup>.

Entrevemos uma dama terna e compassiva em relação ao amante sofredor, à leitura do verso:

“Um mover de olhos, brando e piedoso”  
Son. 97, v. 1

Um outro, porém, revela-a rigorosa para com êle, por estar ciente da sua condição superior, e que a faz considerar provavelmente o seu amor por ela um atrevimento. Mas aqui ela é

---

p. 530: “Mas nos olhos mostrou / a Natureza / quanto podia / E fêz dêles um sol, onde se apura / A luz mais clara que a do claro dia.” Son. 124, vv. 9-11.

p. 302: “Vossos olhos, Senhora, que *competem* / Co Sol em fermosura e claridade,” Son. 101, vv. 1 e 2.

p. 289: “(...) olhos, com que o sol *escorecia*” Son. 60, v. 5.

(4) *Op. cit.* p. 540: “Movei dos lindos rostos a luz pura / De vossos olhos belos (...)” Son. 152, vv. 9 e 10.

(5) *Op. cit.* p. 271: “tão delicados olhos” Son, 7, v. 6.

p. 547: “olhos gentis” Son. 174, v. 7.

p. 288: “Olhos que vos moveis tão docemente” Son. 59, v. 5.

capaz de ser, a um tempo, severa e meiga com quem a ama, pois seu rigor não esconde a sua meiguice:

“(...) sua vista branda e rigorosa”  
Son. 33, v. 10

Versos há, que evidenciam a nobreza da Dama<sup>6</sup>, e a sua superioridade, em condição social, em relação ao Poeta<sup>7</sup>.

Fala também de olhos esquivos, desinteressados de sua pessoa<sup>8</sup>.

Por vêzes, porém, coloca-nos diante de uma dama que se compraz com cativar e destruir corações<sup>9</sup>.

A menção de olhos reveladores de damas de grande perfeição, idealizadas, faz-se com frequência muito maior nessa poesia. Acrescentem-se, pois, às citações já feitas, as seguintes:

“olhos graciosos” (Son. 115, v. 4), de uma criatura encantadora e cativante

“(...) a luz pura / De vossos olhos (...)” Son. 152, vv. 9 e 10, que são indício da pureza da amada.

“Pondo os olhos no céu (...)” (Son. 60, v. 8), que nos fazem entrever uma criatura piedosa, crente num Poder Superior, numa atitude de prece.

### III — *O efeito dos olhos de Dama sôbre o Poeta*

Depois de demonstrar como os olhos da Amada aparecem nessa poesia, passemos ao estudo da sua atuação, ou seja, da influência dos olhos da Mulher Amada sôbre quem a ama, nos *Sonetos* de Camões.

Aquêles olhos que ora são meigos e compassivos, ora altivos e desinteressados, têm o poder de desencadear no “Ama-

---

(6) *Op. cit.* p. 550: “Mas esconder-se não pode aquela alteza / E gravidade de olhos soberanos” Son. 183, vv. 5 e 6.

p. 527: “Aquêles reais olhos (...)” Son. 115, v. 4.

p. 533: “Dos vossos olhos (...), / Esse respeito, de um império digno,” Son. 131, vv. 5 e 6.

(7) *Op. cit.* p. 557: “(...) uns olhos, de que eu não era digno” Son. 205, v. 6.

(8) *Op. cit.* p. 292: “Erguendo aquêles olhos tão isentos” Son. 71, v. 10.

(9) *Op. cit.* p. 234: “(...) olhos (...) que, triunfando / Derrubam corações (...)” Son. 46, vv. 7 e 8.

dor” sentimentos vários e contraditórios entre si, o que é compreensível.

Sente-se um efeito positivo dos olhos da Amada sôbre o Poeta <sup>10</sup>.

Êsse prazer inicial, porém, êsse estado de enlêvo que êles criam em quem os ama <sup>11</sup>, transformam-se em sofrimento, em verdadeira tormenta <sup>12</sup>, devido ao fato de fazerem nascer no Poeta um amor sem qualquer recompensa (Son. 7). Sob a ação dêsse olhar, êle poderá até mesmo sucumbir, tal é o seu efeito mortal (Son. 16); êle tenta fugir, mas o poder de atração dêsses olhos é tão grande, misterioso, inexplicável, que êle não o consegue, e condenado está à destruição. Também a razão de nada lhe vale, o que se nota mais de uma vez <sup>13</sup>.

Contra o poder dêsse olhar também de nada valem suas “firmezas”, ou seja, sua fôrça moral, seu equilíbrio, sua segurança, sua vontade <sup>14</sup>.

Ao poder dêsses olhos, rendem-se também os sentidos do Amante <sup>15</sup>, sua alma <sup>16</sup>, ambos <sup>17</sup>, e todo o seu ser <sup>18</sup>.

- 
- (10) *Op. cit.* p. 302: “Vossos olhos (...) / Enchem os meus de tal suavidade” Son. 101, vv. 1 e 3.
- (11) *Op. cit.* p. 292: “Quando da bela vista e doce riso / Tomando estão meus olhos mantimento, / Tão enlevado sinto o pensamento, / Que me faz ver na terra o Paraíso.” Son. 69, vv. 1, 2, 3, 4.
- (12) *Op. cit.* p. 523: “Os olhos / que o conquistaram / / Foram causa do mal que vou passando” Son. 102, vv. 9 e 10.  
p. 543: “Olhos fermosos (...) / (...) eu passo tormentos desiguais,” Son. 163, vv. 1 e 7.  
p. 547: “(...) ao vivo lume /Dêsses olhos (...) / (...) abraço-me (...) / (...) vou morrendo claramente, / (...) em tal tormento,” Son. 174, vv. 5, 6, 7, 11 e 13.
- (13) *Op. cit.* p. 547: “(...) abraço-me, por mais que com cautela / Livrar-me a parte racional presume” Son. 174, vv. 8 e 9.  
p. 557: “Quando uns olhos, (...) / A furto da Razão me salteavam” Son. 205, vv. 7 e 8.
- (14) *Op. cit.* p. 298: “(...) firmezas / Sustentarei na guerra desta vida. / Mas contra vossos olhos quais serão? / Forçado e que tudo se lhe renda;” Son. 87, vv. 7, 8, 9 e 10.
- (15) *Op. cit.* p. 302: “Vossos olhos, Senhora (...) / Meus sentidos vencidos se so(b)metem / Assi(m) cegos a tanta divindade.” Son. 101, vv. 1, 5 e 6.
- (16) *Op. cit.* p. 534: “(...) ojos que colgada / Mi alma tras (de) si llevar solian (...)” Son. 135, vv. 1 e 2.
- (17) *Op. cit.* p. 288: “Olhos, que vos moveis tão docemente / (...) de cá me levais alma e sentidos.” Son. 59, vv. 5 e 7.
- (18) *Op. cit.* p. 523: “Os olhos com que todo me roubaste” Son. 102, v. 9.

E contra êles parece não haver defesa possível<sup>19</sup>.

O “Amador” chega a tornar-se uma derivação, uma conseqüência, uma obra resultante do poder dêsses olhos<sup>20</sup>.

1 — Nesse relacionamento com a figura da Mulher Amada, o Amante sofre, enleva-se, rende-se-lhe, limita-se, mas não se revolta contra a Dama, nem dela exige algo em troca: sua atitude é passiva. Foi o que nos revelaram essas citações. É curioso notar como essa sua atitude é até mesmo pacífica: ela o faz sofrer, mas êle não lhe atribui qualquer culpa. Antes, bendiz os olhos que o “feriam” (Son. 7, v. 6). Assim, êle parece atribuir a causa dos seus sofrimentos não à Amada, mas à beleza de seus olhos, ou ainda ao Amor, causador de desventuras<sup>21</sup>.

Por vêzes, também, mais uma vez, parecendo-nos procurar isentar a Amada de culpa, atribui a causa primeira do seu tormento ao destino<sup>22</sup>. Sim, os belos olhos verdes da Dama extinguíram sua alegria, mas “Fortuna” foi a culpada.

Notamos que apenas duas vêzes, nos *Sonetos*, o Poeta assume em relação à atitude da Amada uma posição de inconformismo, inversa à que tratamos anteriormente. Nesses dois casos em que a Amada também lhe nega o seu amor, êle se rebela. Em ambos, nota-se a presença, a influência e a importância dos olhos da Dama.

Primeiramente, consideremos o soneto 101: Aqui, a Amada olha com desprezo para a comoção do Amante, que foi

---

(19) *Op. cit.* p. 300: “(...) quem busca defensão / Contra êsses belos olhos, (...) se engana” Son. 95, vv. 3 e 4.

(20) *Op. cit.* p. 543: “Olhos Fermosos (...) / Se quiserdes saber quanto possais, / Vêde-me a mi(m), que sou vossa feitura.” Son. 163, vv. 1, 3, 4.

(21) *Op. cit.* p. 271: “(...) Amor virou / A roda à esperança que corria / Tão ligeira, que quase era invisível / Converteu-se-me em noite o claro dia.” Son. 7, vv. 9-12.

Isso se confirma no son. 78: “(...) o menino que de olhos é privado / Nas meninas de vossos olhos mora” vv. 3 e 4, no qual afirma que Cupido, morando nas pupilas dos olhos da Amada, os torna perigosos, desencadeadores de amor e sofrimento. Ao referir-se à Dama como “gentil Senhora”, confirma a nossa impressão de que a isenta da culpa do poder negativo de seus olhos. Na verdade, até êles poderiam ser inocentados, pois a culpa é certamente de Cupido, que reside nas pupilas dos olhos da Amada.

(22) *Op. cit.* p. 537: “Fortuna (...) / Em verde derrubou minha alegria” Son. 144, vv. 1 e 2.

causada pela atuação dos olhos dela; êle, ao sentir seu desdém e desinterêsse, reage, arma-se de fôrça <sup>23</sup>.

O segundo exemplo de rebeldia encontra-se no son. 32: diz que os olhos da Dama são graciosos, mas, que se não lhe corresponderem, perderão para êle todo o seu encanto. A contemplação da Amada já não o satisfaz. Faz-lhe como que um ultimato, para que ela lhe demonstre seu amor e lhe permita desfrutá-lo. É como que uma condição para que não venha a desinteressar-se dela. Não se deve estranhar essa atitude tão típicamente humana e própria do homem enamorado. Erich Fromm, em *A Arte de Amar*, esclareceu-nos muito bem o porquê do ser humano em geral, e é também o caso de Camões, comportar-se assim <sup>24</sup>.

Portanto, no Soneto 32, a atitude amorosa camonianiana não foi, como freqüentemente sói ser, platônica, e sim, bem própria do ser humano em geral.

Situação semelhante repete-se no Soneto 200, no qual o Poeta, referindo-se aos encantos da amada, assim se expressa:

“Ditoso quem os vir, mas mais ditoso  
Quem os tiver (...)” vv. 13 e 14.

---

(23) *Op. cit.* p. 302: “O áspero desprezo com que olhais / Torna a espertar a alma enfraquecida.” vv. 10 e 11.

(24) p. 26, et pas. “O homem é dotado de razão; é a vida consciente de si mesma; tem consciência de si, de seus semelhantes, de seu passado e das possibilidades de seu futuro. Essa consciência de si mesmo como entidade separada, a consciência de seu próprio e curto período de vida, do fato de haver nascido sem ser por vontade própria e de ter de morrer antes daqueles que ama, ou êstes antes dêle, a consciência de sua solidão e separação, de sua impotência ante as fôrças da natureza e da sociedade, tudo isso faz de sua existência apartada e desunida uma prisão insuportável. Ele ficaria louco se não pudesse libertar-se de tal prisão e alcançar os homens, unir-se de uma forma ou de outra com êles, com o mundo exterior. A experiência da separação desperta a ansiedade; é, de fato, a fonte de tóda ansiedade (...) / A mais profunda necessidade do homem, assim, é a necessidade de superar a sua separação, de deixar a prisão em que está só. (...) O homem — de tódas as idades e culturas — vê-se diante da solução de uma só e mesma questão: a de como superar a separação, a de como realizar a união, a de como transcender a própria vida individual e encontrar sintonia (...) A resposta varia (...) A resposta completa está na realização da unidade interpessoal, da fusão com outra pessoa: está no amor. O desejo de fusão interpessoal é o mais poderoso anseio do homem. É a paixão mais fundamental, é a fôrça que conserva juntos a raça humana, clã, a família, a sociedade. O fracasso em realizá-la significa ioucura ou destruição — autodestruição ou destruição de outros. Sem amor, a humanidade não poderia existir um só dia (...) Referimo-nos ao amor como a resposta amadurecida ao problema da existência (...) o desejo sexual é uma manifestação da necessidade de amor e união.”



#### IV — Os olhos do “Amador”

Até agora nos detivemos na consideração dos olhos da Amada. Passemos ao estudo do valor dos olhos do Amante.

Aparecem principalmente como veículo revelador do que vai na alma do Poeta no processo amoroso. Portanto, ora expressam alegria<sup>25</sup>, ora revelam os seus sentimentos de amor<sup>26</sup>, manifestações essas sempre de cunho positivo. Contudo, são também freqüentes passagens em que os olhos do Amante nos comunicam, em oposição, sentimentos de tristeza, mágoa, tormento, cansaço<sup>27</sup>. Há momentos até em que seus olhos exprimem, ao mesmo tempo, sentimentos paradoxais, ou seja, por exemplo, alegria pela dor que experimentam<sup>28</sup>. Lembre-se aqui que os clássicos modernos consideram o Amor como fonte inesgotável de sofrimentos, de dor. Não deixam, porém, de culti-

- 
- (25) *Op. cit.* p. 553: “Se de vosso fermoso e lindo gesto / Na(s)ceram lindas flôres pera os olhos,” Son. 192, vv. 1 e 2.  
p. 524: “Ai, imiga cruel (...) / Glória dos olhos, bem do pensamento!” Son. 106, vv. 1 e 4.
- (26) *Op. cit.* p. 269: “Não te esqueças daquele amor ardente / Que já nos olhos meus tão puro viste.” Son. 2, vv. 7 e 8.
- (27) *Op. cit.* p. 547: “(...) mis ojos tristes.” Son. 173, v. 1.  
p. 269: “Já não podeis fazer meus olhos ledos.” Son. 1, v. 8. Refere-se aqui à visão das belezas naturais, que lhe provoca saudade da Amada e que o faz triste.  
p. 541: “Com que os meus olhos foi escurecendo”. Son. 157, v. 4. Aqui seus olhos entristecem-se, vendo que a Amada está com outro, a quem agora dedica maior atenção.  
p. 276: “Antes sem vós meus olhos se entristeçam, / Que com qualquer cousa outra se contentem;” Son. 22, vv. 9 e 10.  
Há versos em que os olhos do “Amador” aparecem, deixando transparecer sua tristeza e sofrimento através de lágrimas:  
p. 296: “(...) é neste apartamento / Tomarão tristes lágrimas vingança / Nos olhos de quem fostes mantimento.” Son. 83, vv. 9-11.  
p. 284: “De meus olhos vereis estar manando / Outros (...)” Son. 46, vv. 3 e 4.  
Nessa passagem, outros refere-se a rios, vocábulo usado no sentido figurado de lágrimas.  
p. 299: “Da alma um fogo me sai, da vista um rio; / (...) só porque vos vi, minha Senhora.” Son. 91, vv. 6 e 14.  
p. 284: “E vinde, Ninfas minhas, se quereis / saber como de uns olhos na(s)cem mágoas.” Son. 10 e 11.  
p. 276: “Antes nesta lembrança se atormentem” Son. 22, v. 12. Aqui o Poeta refere-se aos seus olhos que, recordando a Amada ausente, sentem tormento.  
p. 292: “Quando de minhas mágoas a comprida / Maginação os olhos me adormece.” Son. 70, vv. 1 e 2.  
Ele adormece, cansado de lembrar e de sofrer.
- (28) *Op. cit.* p. 276: “A glória que em sofrer tal pena sentem.” Son. 22, v. 14.

var êsse sentimento, já que consideram essa dor, que dêle dimana, como sinônimo de existência.

Através dos próprios olhos ou, mais exatamente, pelo retraimento dos olhos, revela o Poeta um sentimento de inferioridade, certamente fruto da consciência da diferença entre a sua posição social e a da Mulher Amada <sup>29</sup>.

Ainda nesta função psicológica cremos que também se deva incluir o sentido figurado em que os olhos são algumas vezes empregados, com o valor de “olhos da alma”. Êstes permitem ao Amador enxergar além do mundo real, numa outra esfera, naquela em que a imaginação pode até criar abstrações e imagens, frutos de fantasia, de sonhos <sup>30</sup>.

Neste estudo dos olhos nos sonetos camonianos cabe outrossim observar que êstes podem também aparecer, referindo-se ao Amante, em expressões que evocam idéia: ora de separação <sup>31</sup>, ora de aproximação <sup>32</sup>. Conseqüentemente, é fácil concluir que os estados de alma transmitidos são ora negativos ora positivos.

#### V — *Vocábulos relacionados com o fenômeno visual e sua influência no processo amoroso nos sonetos camonianos*

Passemos agora à considerações, nos *Sonetos* de verbos relacionados com o fenômeno visual e também, eventualmente,

---

(29) *Op. cit.* p. 270: “A vista, que (...) não se atreve, / Por se certificar do que ali via” Son. 5, vv. 5 e 6.

(30) *Op. cit.* p. 288: “Se os olhos ergo, a ver ainda parece / Da vista se me perde e da esperança.” Son. 57, vv. 13 e 14.

Aqui êle ergue os olhos na esperança de vislumbrar um bem.

p. 291: “Pensamentos (...) / Que fantasia é esta, que presente / Cada hora ante meus olhos me mostrais?” Son. 66, vv. 1, 5 e 6.

O Poeta exprime nestes versos que os pensamentos lhe trazem imagens, sonhos que lhe tiram tóda a calma.

(31) *Op. cit.* p. 269: “(...) Deus (...) / (...) cedo de meus olhos te levou.” Son. 2, vv. 12 e 14.

p. 555: “Senhora minha, se a Fortuna imiga, / Que em minha fim com todo o Céu conspira, / Os olhos meus de ver os vossos tira,” Son. 199, vv. 1-3.

A separação da Amada aqui consiste para êle um castigo, pois causa-lhe sofrimento.

(32) *Op. cit.* p. 271: “(...) o pastor na memória a debuxava, / Por poder sustentar-se cêste engano. / E os olhos pela água alongava.” Son. 6, vv. 3, 4 e 7.

Alongar os olhos pela água era uma tentativa de aproximação da Amada que partia.

de palavras dêles derivadas, qual seja o caso de *vista*, em Camões preponderantemente com o significado de “visão de alguém”, que foi usada por êle com notável freqüência.

1 — O “ver” e o “não ver” a Amada são constantes nessa poesia, e a análise da ocorrência dêesses fenômenos também adquire um papel de relêvo para a melhor caracterização: quer do processo amoroso, quer do estado mental e emotivo do Amante em particular.

A visão da figura da Mulher Amada desencadeia no Amante emoções várias. Elas são, por vêzes, semelhantes às que lhe foram suscitadas unicamente pelos olhos da Dama, já mencionadas. Mas, a título de ilustração, não as deixaremos de apresentar aqui, esperando que as citações que as revelam forneçam algum elemento nôvo, pois que as reações provocadas, embora semelhantes, tiveram motivação diversa: antes, um elemento particular os olhos, e agora, tôda a figura da Amada.

Consideremos primeiramente o efeito positivo causado pela visão da Amada.

Vê-la constitui uma ventura, um bem <sup>33</sup>.

Ver Raquel era para Jacó um consôlo e uma alegria <sup>34</sup>.

Ao ver a Amada, o “Amador” tem uma sensação agradável <sup>35</sup>.

A visão da Dama proporciona prazer <sup>36</sup>, é motivo de gaudío, regozijo, honra <sup>37</sup>.

Êle às vêzes, contempla a amada com tanto prazer e embevecimento, como se estivesse em estado de êxtase diante de sua figura <sup>38</sup>.

---

(33) *Op. cit.* p. 542: “(...) o venturoso / Que vos vê (...) Son. 159, vv. 13 e 14.

(34) *Op. cit.* p. 298: “(...) contentando-se com vê-la.” Son. 88, v. 6.

(35) *Op. cit.* p. 553: “(...) vosso fermoso e lindo gesto / (...) lindas flôres pera os olhos” Son. 192, vv. 1 e 2.

p. 280: “Mas é tão doce vossa fermosura” Son. 34, v. 12.

p. 535: “Lograis aquela visão serena” Son. 138, v. 10.

(36) *Op. cit.* p. 279: “Vossa vista deleitosa (...) Son. 32, v. 2.

(37) *Op. cit.* p. 524: “Glória dos olhos (...) Son. 106, v. 4.

(38) *Op. cit.* p. 548: “(...) o tempo que contente / Vi pérolas, neve, rosa e ouro § Como quem vê por sonhos um tesouro.” Son. 176, vv. 1-3.

Por vêzes, vê a Amada num plano irreal, em sonhos, e ela parece trazer-lhe um bem; por essa razão, pede:

“(...) — Não me fujas sombra beni(g)na! —”

No sonêto 178, Camões expressa a idéia de que não poderá deixar de ver a amada, e claramente diz:

“Não me espere de mi(m) deixar de ver-vos” v. 11

Assim como os olhos, a figura da Amada atua sôbre o Poeta também de maneira negativa. É quando desencadeia nêles sentimentos de mágoa, dor, aflição<sup>39</sup>, quando o subjuga, transtorna e endoidece<sup>40</sup>.

No sonêto 91, descreve as contradições que sente no seu ser físico e moral, as incertezas e desconcertos do seu estado de espírito e sentimento. Conclui, dizendo que, se assim, anda, e só porque viu a sua Amada.

E, segundo o Poeta, quem, confiante, procura defender-se do poder da sua imagem, atrai apenas maiores sofrimentos<sup>41</sup>.

Pois ela é:

“(...) a vista de que o mundo tremer deve!”

Son. 56, v. 11

Contudo, para o Poeta, vê-la é uma necessidade:

“Tudo me defendei, senão só ver-vos”

Son. 18, v. 5

- 
- (39) *Op. cit.* p. 280: “(...) ferido de ver-vos” Son. 34, v. 10.  
p. 553: “(...) vosso fermoso e lindo gesto / (...) pera o peito (...) duros abrolhos.” Son. 192, vv. 1 e 3.  
p. 536: “Mas ver-vos pera mi(m), Senhora, escassa, / Traz êste meu amor sempre em desmaio.” Son. 141, vv. 12 e 14.  
p. 557: “A nova vista me cegou de todo;” Son. 205, v. 9.
- (40) *Op. cit.* p. 295: “Quem pode livre ser (...) / Vendo-vos com juízo sossegado” Son. 78, vv. 1 e 2.  
p. 297: “Que alma, que razão, que entendimento / Em ver-vos se não rende e obedece?” Son. 86, vv. 3 e 4.  
p. 287: “(...) ùa celeste e angélica figura / A vista da razão me salteava.” Son. 55, vv. 7 e 8.  
p. 283: “(...) vendo-te, endoideço.” Son. 43, v. 3.
- (41) *Op. cit.* p. 557: “Quem viu uma confiança tão segura / Que não padeça mais, se ter defesa / Contra vossa gentil vista procura?” Son. 204, vv. 5, 7, 8.

Trataremos, em seguida, de reações do “Amador”, ante a Amada, que não foram ainda referidas, portanto, daquelas que não foram suscitadas pela influência dos olhos da Musa Inspiradora.

A visão da figura da Amada causa, por vêzes, a alienação do Amante<sup>42</sup>, alienação esta que o faz perder a noção de tempo e duração, tal é o seu desligamento da realidade<sup>43</sup>, que o afasta de tudo<sup>44</sup>, mas, por vêzes, pode até resultar num bem<sup>45</sup>.

Da mesma forma que o “ver”, o “não ver” a Dama suscita as mais contraditórias reações no Amante:

A primeira consequência do “não ver” é a busca e o desejo de ver<sup>46</sup>.

Por vêzes, na impossibilidade absoluta de ver a Amada, que deixou a vida, almeja poder vê-la num plano Superior<sup>47</sup>.

Da não satisfação dêsse desejo, decorre uma série de novas reações.

Ora o Poeta se entristece<sup>48</sup>, ora se atormenta e sente até mesmo que principia a fenecer<sup>49</sup>, ora se queixa, lamenta-se<sup>50</sup>, pois o “não ver” a Amada é considerado por êle grande dor<sup>51</sup>.

- 
- (42) *Op. cit.* p. 543: “Não me lembro de mim quando vos vejo, / Nem do mundo (...) Son. 163, vv. 12 e 13.
- (43) *Op. cit.* p. 299: “Nua hora acho mil anos; e é jeito / Que em mil anos não posso achar ua hora. / (...) só porque vos vi, minha Senhora.” Son. 91, vv. 10, 11 e 14.
- (44) *Op. cit.* p. 544: “Vivo, Senhora, só de contemplar-vos”. Son. 166, v. 9.
- (45) *Op. cit.* p. 297: “Tôda a pena cruel, todo o tormento / Em ver-vos se não sente, mas esquece.” Son. 86, vv. 7 e 8.
- (46) *Op. cit.* p. 534: “(...) Dónde estás, que no te veo! / (...) do estarás ahora / Que no te puedo ver, y el grand deseo / De ver-te (...)” Son. 135, v. 14 e vv. 9-11.
- (47) *Op. cit.* p. 269: “Roga a Deus (...) / Que tão cedo de cá me leve a ver-te, / Quão cedo de meus olhos te levou.” Son. 2, vv. 12-14.
- (48) *Op. cit.* p. 283: “(...) esta alma vossa, / (...) em não vos vendo, entristecida,” Son. 208, vv. 9 e 12.  
p. 276: “Antes sem vós meus olhos se entristecam,” Son. 22, v. 9.
- (49) *Op. cit.* p. 558: “(...) esta alma vossa, / (...) em não vos vendo (...) / Se murcha e se consume em grão tormento.” Son. 208, vv. 9, 12 e 13.  
p. 534: “(...) y el gran deseo / De ver-te me da muerte a cada hora!” Son. 135, vv. 10 e 11.
- (50) *Op. cit.* p. 524: “Ah! Minha Dinamene! assi(m) deixaste / Quem não deixara nunca de querer-te! / Ah! Ninfa minha, já não posso ver-te!” Son. 105, vv. 1-3.
- (51) *Op. cit.* p. 554: “É pena desigual deixar de ver-te.” Son. 194, v. 2.

Não vendo a Amada, pode até mesmo sentir que a natureza bela perde para si todo o encanto e chega a magoá-lo <sup>52</sup>. E tudo perde o valor para si, tudo lhe repugna <sup>53</sup>.

É por essa razão que o “não ver” a Amada umas vezes o conduz a buscas e indagações, como o demonstra o Soneto 135, outras o faz imaginá-la <sup>54</sup>, pois trazê-la no pensamento é compensar-se do fato de estar privado de vê-la.

É evidente, portanto, que o “Amador” sente falta da imagem da sua Dama e que só pode reconhecer nela valor preponderantemente positivo. Ouçamo-lo:

“Ditosa é, logo, a pena que padeço,  
Pois que da causa dela em mi(m) se sente  
Um bem que, inda sem ver-vos, reconheço.”

Son. 175, vv. 12-14

Contraste-se êsse estado de espírito com o que excepcionalmente se revela neste verso:

“Ah! Quanto melhor fôra não vos ver!”

Son. 104, v. 9

É evidente que o “não ver” transforma-se aqui num estado que o “Amador” deseja, consciente dos sofrimentos e pena que o ver lhe acarreta.

Mas de maneira geral, o “não ver” acorda emoções ligadas ao sofrimento, ou provoca o aparecimento da fantasia e da imaginação como um mecanismo necessário de compensação, como ficou visto.

2 — Até agora referimo-nos ao “ver” e ao “não ver” a Amada pela pessoa amante. Vamos considerar, em seguida o “ver” e o “não ver” o “Amador” pela Dama.

---

(52) *Op. cit.* p. 523: “Enfim, tudo o que a rara Natureza / Com tanta variedade nos oferece, / Me está, se não te vejo, magoando.” Son. 103, vv. 9-11.

(53) *Op. cit.* p. 523: “Sem ti, tudo me enoja e me aborrece,” (Idem, v. 12).

(54) *Op. cit.* p. 555: “Senhora minha, se a Fortuna imiga, / Os olhos meus de ver os vossos tira, / Nesta alma, onde a Fortuna pode pouco, / Tão viva vos terei (...).” Son. 199, vv. 1, 3, 9 e 10.

p. 556: “Senhora minha, se de pura inveja / Amor me tolhe a vista delicada, / Não me pode tolher que vos não veja / Nesta alma (...).” Son. 200, vv. 1, 2, 5, e 6

São mencionados pelo Poeta com uma freqüência bem menor. Vamos, contudo, deter-nos nessas poucas citações, uma vez que revelam bem uma atitude preponderantemente esquiva da Mulher Amada em relação ao Amante.

Levaremos também em conta aqui outros verbos relacionados com o fenômeno visual, tais como: “olhar”, “examinar”.

No Soneto 35, torna-se evidente que a Dama o evita, e, na sua opinião, ela assim age com a intenção de magoá-lo<sup>55</sup>. Sim, a Amada causa-lhe sofrimentos, por não dignar-se a olhar para êle, por não querer fitar-se em seus olhos, segundo o “Amador”, apenas para não tomar contato com seus sentimentos, expressos em seus olhos e, assim, não estar em intimidade alguma com êle — e tudo só com o fito de magoá-lo.

Essa atitude da Mulher Amada para com quem a ama pode até tornar-se hostil<sup>56</sup>.

No Soneto 193, especialmente no verso 10, revela-se novamente a sensação que o Poeta tem de que a Dama lhe é hostil, impiedosa.

Interessante é como êle se dirige a essa Amada que lhe é adversa:

“Cara minha inimiga (...)” Son. 13, v. 1

Eis aqui uma questão aberta: seria a Amada inacessível de Camões esquiva a êle por vontade própria, ou seja, por não amá-lo, ou o seria por necessidade de obediência às convenções da sociedade em que vivia?

A essa questão, talvez nem mesmo o “Amador” soubesse responder, pois a comunicação entre êle e a sua Amada realiza-se de forma restrita, quer porque ela é controlada pelas convenções da sociedade em que vivem, quer porque o Poeta, seguindo uma tradição, colocou-a num pedestal muito alto, tornando-a inacessível para si.

---

(55) *Op. cit.* p. 280: “E se dentro nesta alma *ver* quizerdes / Como num claro espelho, all *vereis* / Também a vossa, angélica e serenal / Mas eu cuido que, só por não me verdes, / *Ver-vos em mi(m)*, Senhora, não quereis. / Tanto gôsto levais de minha pena!” vv. 9-14.

(56) *Op. cit.* p. 538: “Ó bela Ninfa (...) / Por que o olhar-me tanto me encareces? / Eu quanto mais te vejo, mais te escondes! / Quanto mais mal me vês, mais te endureces! Son. 146, vv. 9, 10, 12 e 13.

Do que vimos expondo no presente tópico, concluímos, entre outras coisas, que o Poeta pode ver mais a figura física da Amada do que vislumbrar a psíquica, visto que a Dama não se deixa revelar pela palavra, que é o meio usual da comunicação, e sim, pela expressão do rosto ou, predominantemente, pela dos olhos. Dessa forma, pode acontecer que êle não chegue a conhecê-la realmente nem a amá-la pelo que ela é na verdade: ama a imagem que faz da sua pessoa, imagem essa idealizada e, para êle, perfeita. Por vêzes êle manifesta essa ânsia de conhecer o íntimo da Amada, indagando: o porquê de suas atitudes, o porquê de sua indiferença, por quê lhe nega o seu olhar, o seu amor. Parece, porém, que êle não obtém respostas explícitas. A resposta da Mulher Amada é o silêncio. Obviamente, o motivo pelo qual ela assim agia era a diferença de condição social, ou, simplesmente, o fato de não amá-lo. Quanto ao “Amador”, persiste nas suas buscas, procura desvendar o que vai no íntimo da Amada; tentando, em vão, comunicar-se com ela. Êle anseia por um conhecimento profundo — no qual o verdadeiro amor se baseia — e não se satisfaz com aquêle que possui. Considerando-se essas manifestações do Poeta no processo amoroso, vemo-lo aqui novamente em *atitude ativa* ante a Mulher Amada.

Quando o acesso mesmo à pessoa física da Dama torna-se difícil, e até mesmo impossível, êle passa a imaginar sua figura, como uma compensação para a impossibilidade de vê-la, e, de tal forma, que talvez na realidade não seria possível ocorrer. É um exemplo vivo do que ficou dito o Sonêto 71, no qual os “olhos da imaginação” do Amante se detêm com vagar e com um certo prazer na figura e no comportamento da Amada.

Do exposto, é lícito concluir que Camões atribui força misturiosa aos olhos e ao fenômeno visual. É necessário, porém, acrescentar que o ato de contemplar a Amada e o de ver os olhos da Amada assumem em Camões valor altamente moral. Expliquemo-nos. Assim como Petrarca e os quinhentistas portugueses, também Camões se preocupa em apresentar a figura da Mulher não como provocadora de paixões desvairadas, mas freqüentemente como inspiradora de amor puro, que conduz à elevação espiritual. A beleza da Dama permite-lhe contemplar na terra o Paraíso. Lembremo-nos, por exemplo, do sonêto “Quando da bela vista”. A aspiração platônica do Belo e do Bem supremos encontra eco nos sonetos camonianos, na medida em que a contemplação da Amada possibilita ao Poeta também a contemplação do Divino.



Falando de *Marsílio Ficino e o neoplatonismo amoroso*, o Prof. Segismundo Spina afirma que:

“Nós não amamos as coisas pelas coisas, mas porque Deus está nelas. A beleza da Mulher, portanto, é “grau para a virtude” — como diz Camões em *Sóbolos rios que vão...*, a Mulher é um pretexto, um ponto de partida para chegar-mos ao gôzo do amor de Deus, à contemplação da essência divina.”<sup>57</sup>

Dentro dessa concepção, os olhos da Amada — quer do ponto de vista do seu caráter estético, quer do psicológico quer do moral — e os olhos do Amante, no ato de contemplar, adquirem papel de relevante importância nos sonetos de Camões. Considerando-se que são elementos que conduzem à Formosura, levam o “Amador” a ascensão espiritual. Justamente aí reside o valor marcadamente ético que os olhos e o fenômeno visual apresentam nessa parte da lírica camonianiana ora em estudo.

### *Conclusões*

Diante dos exemplos e das situações que êles nos permitem vislumbrar, parece ficar comprovado que tanto os olhos como as conseqüências do “ver” ou “não ver” constituem nos *Sonetos* de Camões uma tônica.

Se os fenômenos relacionados com o sentido da visão têm, como meio expressivo, uma função muito especial no processo da comunicação amorosa em Camões, ao mesmo tempo são, de um lado, reveladores de diferentes características da Amada, estéticas, psicológicas ou morais; e de outro, reveladores de estados de alma freqüentemente contraditórios no Amante. Isso porque tôdas as emoções, nêle desencadeadas pelos *olhos* da Dama ou pelo fato de poder ou não vê-la, estão ligadas, de uma forma ou de outra, à dor ou ao prazer. Não há o que estranhar em tal afirmação, pois o Amor, ao mesmo tempo que é causa de alegrias, é também fonte inesgotável de sofrimentos. Gostaríamos até de lembrar aqui Platão, e a seguinte passagem de *Fédon*, em que Sócrates diz:

“Que cousa desconcertante parece ser, amigos, aquilo que os homens chamam prazer! Que relação maravilhosa há entre a sua natureza e o que se julga ser seu contrário, a dor! Os dois recusam a se encontrar lado a lado, simul-

---

(57) *Op. cit.*

tâneamente, no homem, mas se seguirmos um dêles e o apanharmos, somos sempre obrigados, de um certo modo, a apanhar também o outro, como se a sua dupla natureza estivesse ligada a uma única cabeça! Parece-me, acrescentou êle, que Esopo, se tivesse pensado nisso, teria composto uma fábula sôbre o assunto: a divindade, desejando pôr têrmo às lutas entre êles, mas não o conseguindo, ligou as suas duas cabeças; eis porque onde se apresenta um, aparece em seguida o outro.”<sup>58</sup>

Portanto, o fato de Camões cultivar nos seus sonetos êsses dois sentimentos, só vem dar caráter de maior autenticidade ao produto literário. A mistura de ambos é sinônimo de experiência que poderia ser real, é mistura coerente, uma vez que o processo amoroso exige a manifestação dessas emoções contraditórias.

No tocante à dor, lembre-se mais uma vez que é a atitude esquiva da Mulher, revelada freqüentemente por seus olhos, um dos fatores desencadeantes dêsse sentimento no Poeta. Se os olhos da Dama podem evidenciar sua forma de sentir, saliente-se também a função dos *olhos do “Amador”* em revelar seus estados de alma.

Além dessa função psicológica, os olhos e os fenômenos da visão têm nos sonetos de Camões um valor acentuadamente moral. Lembremos mais uma vez a elevação espiritual, a identificação com o Divino, que a contemplação da Amada ou que os seus olhos, como elemento estético, como representantes do Belo, concedem. Assim, o amor físico poderia significar ponto de partida para o Belo e o Bem supremos, desde que fôsse a primeira etapa para a identificação com êles. A atitude de Camões não exclui, porém, a possibilidade do desejo de posse do objeto amado, como tivemos oportunidade de demonstrar no decorrer dêste trabalho.

Se, de um lado, a insistência da associação do valor dos olhos ao seu brilho é característica renascentista, vale por outro lado também acrescentar que, na forma pela qual o Poeta retrata a beleza feminina ou pela qual manifesta sentimentos e atitudes que a Dama ou seus atributos lhe possam provocar, especialistas na crítica camoniana entre os quais Segismundo Spina, Georges Le Gentil, Hernani Cidade, já apontaram vestígios da lírica trovadoresca.

---

(58) Platão, *Fédon*. Trad. de Miguel Ruas. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Atena, 1957. p. 16.

Ora, os olhos, como elemento estético e expressivo, e todos os fenômenos com eles relacionados e aos quais nos referimos no desenvolvimento deste trabalho, proporcionam também, sem dúvida, material que demonstra fartamente a existência de atitudes e temas, nos *Sonetos* de Camões, herdados da tradição lírica medieval, tais como o idealismo amoroso, a formosura da Amada, a atitude quase de sujeição ante a **Mulher**, a manifestação de emoções contraditórias, típicas também do processo do amor em si.

## BIBLIOGRAFIA

- BRAGA, Theophilo — *Camões, época e vida*. Pôrto, Livraria Chardron, 1907.
- CAMÕES, Luís de — *Camões lírico — sonetos escolhidos*. Antologia portuguesa organizada por Agostinho de Campos. Paris-Lisboa, Livrarias Ailland e Bertrand, 1926.
- *Líricas*. Sel. pref. e notas de Rodrigues Lapa. 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Gráfica Santelmo, 1962.
- *Obra completa*. Organização, introdução, comentários e anotações de Antonio Salgado Junior. Rio de Janeiro, Companhia Aguilar Editôra, 1963.
- *Rimas de Luís de Camões*. Pref., sel. e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Lisboa, Clássica, 1943.
- *Sonetos de Luís de Camões*. Pref., sel., notas e bibl. de João de Almeida Lucas.
- CELSE, Affonso — Quarto centenário de Camões. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio, v. 17 (37): jan., 1925.
- CIDADE, Hernani — *Luís de Camões — o lírico*. 2.<sup>a</sup> ed. rev. e ampl. Lisboa, Livraria Bertrand, 1952.
- COSTA, Affonso — Camões e o amor. Em seu: *O gênio de Camões*. Rio, /s.l./ 1921. pp. 105-122.
- FERREIRA, Joaquim — *História da literatura portuguesa*. 3.<sup>a</sup> ed. Pôrto, Editorial Barreira, 1964.
- FROMM, Erich — *A arte de amar*. Trad. de Milton Amado. Belo Horizonte, Editôra Itatiaia, 1964.
- KAYSER, Wolfgang — *Análise e interpretação da obra literária*. 4.<sup>a</sup> ed. Coimbra, Armenio Amado, 1967.
- LE GENTIL, Georges — *Camões*. Trad. de José Terra. Lisboa, Portugal Editôra, 1969.
- MEIER, Henri — Os olhos verdes na literatura. Em seus: *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Tipografia da Editorial, 1948. pp. 191-206.
- MENDES, João — “Rimas” de Camões. *Broteria*, Lisboa, LVII(5):449-452, nov. 1953.

- O drama de Camões. *Broteria*, Lisboa, LVIII(1):74-97, jan. 1954.
- NEGRELLI, Leo — Camões. Em seu: *Il sonetto portoghese. Antologia de Sá de Miranda ai contemporanei*. Versiones poetica italiana e note di Leo Negrelli, Firenze, Il Fauno, 1964. pp. 273-277.
- PEIXOTO, Afrânio — Camões e Dinamene. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio, 17(40): abr., 1925. pp. 261-327.
- PETRARCA — *Los triunfos y otros escritos*. Trad. para o espanhol de Flor Robles Villafranca. Orol. de Emiliano M. Aguilera. Barcelona, Editorial Iberia, c1961.
- PLATÃO — *Diálogos*. Sel. introd. e trad. direta do grego por Jaime Bruna. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Cultrix, 1967.
- *Fédon*. Trad. de Miguel Ruas. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Atena, 1957.
- RÉGIO, José — Discurso sôbre Camões. Em seus: *Ensaios de interpretação crítica*. Lisboa, Portugália Editôra, 1964. pp. 9-70.
- SCHNEIDER, Reinhold — *Camões*. São Paulo, Herder, 1967.
- SENA, Jorge de — A Poesia de Camões — Ensaio de Revelação da Dialética Camoniana. Em seu: *Da poesia portuguesa*. Lisboa, Ática /s.d./ pp. 31-76.
- SÉRGIO, Antonio — Questão prévia dum ignorante aos prefaciadores da lírica de Camões. Em seus: *Ensaios*. 2.<sup>a</sup> ed. aum. Lisboa, Guimarães Editores, 1959.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e — Classicismo e neoclassicismo. Em sua *Teoria da literatura*. 2.<sup>a</sup> ed. Coimbra, Almedina, 1968. pp. 383-409.
- SPINA, Segismundo — *Apresentação da lírica trovadoresca*. Rio, Acadêmica, 1956.
- *Do formalismo estético trovadoresco*. São Paulo, USP, 1966 (Boletim n.º 300. Cadeira de Literatura Portuguesa n.º 16).
- *Introdução à poética clássica*. São Paulo, Editôra F.T.D.S.A., 1967.
- *Marsilio de Ficino e o neoplatonismo*. São Paulo, USP, 1967 (apostila para o curso de pós-graduação em literatura portuguesa).
- O amor não tem saída. *O Estado de São Paulo*, 13-mai.-1961, supl. lit.
- STORCK, Wilhelm — *Vida e obras de Luís de Camões*. Trad. do original alemão e anot. por Carolina Michaelis de Vasconcelos. Lisboa, Academia Real das Ciências, 1897.